ANO 3.º LISBOA--QUINTA-FEIRA, 9 DE AGOSTO DE 1923 N.º 719

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

TERMINARAM ontem em Lisieux, pequena e pitoresca cidade francesa da Normandía, as festas comemorativas da beatificação de Soror Teresa do Menino Jesus, carmelita, cuja vida claustral foi o exemplo vivo e tocante duma alma que passou pela terra, sem se manchar nas suas impuresas.

Durante oito anos, viveu no Carmelo de Lisieux, para onde entrou, aos quinze, graças a uma concessão especial do papa Leão XIII.

A sua graça sofredora, a sua resignação angelica, o fervor das suas orações, uma alegria cristã que o sofrimento espiritualisava, um sorriso tão iluminado de bondade que transfigurava o seu pequenino rosto, de feições finas, fizeram de Soror Teresa uma santa para a fé ingenua do povo.

O processo de canonisação deve brevemente consagrá-la como tal.

Entretanto, em Lisieux reuniram-se 100.000 catolicos atraidos pelo prestigio do seu nome e das suas excelsas virtudes.

Os hoteis estiveram á cunha, espalhando-se os que neles não alcançaram lugar pelas povoações visinhas—algumas á distancia de muitos quilometros.

As festas foram presididas por dois cardeais, um dos quais o primaz de Inglaterra.

Concorreram arcebispos e bispos, dois vindos da America.

Os soldados que, no tempo da guerra, tanto recorreram ao patrocinio de Soror Teresa, vieram ao milhares render-lhe as graças devidas.

Perante o precioso cofre em que se guardam os seus restos mortais—a sua exhumação realizou-se a 26 de Março de 1923—passou uma turba, animada do mais alto jubilo religioso, uns chorando lagrimas de satisfação, outros entoando canticos em que se traduzia o fervor ardente dos corações que palpitam no amor divino.

Houve horas em que, sob a invocação do seu nome, uma a mesma aspiração ergueu a numerosissima multidão de fieis.

Soror Teresa que deixou um livro, hoje traduzido em quasi todas as linguas, intitulado *Historia duma alma*, e que é uma especie de autobiografia, disse:

—«Quero conquistar o ceu, esparsindo o bem na terra. Farei cair sobre vós uma chuva de rosas».

Os habitantes de Lisieux resolveram dar cumprimento a esta suavissima promessa. Colheram todas as rosas que encontraram nos seus jardins, confecionaram montões de rosas de papel e de setim.

Na manhã do dia 6, presenceou-se este formoso espectaculo, conforme o descreve *Le Matin*:

—«Ramos, grinaldas e festões suspendem-se nos alpendres enegrecidos, prendem-se ás vigas em relevo das fachadas, enlaçam, com as suas hastes flexiveis, os pilares goticos das igrejas, de linhas comidas pelos seculos, aclaram com as suas tintas de aurora silhuetas caricaturais de gnomos, de santos e quimeras, faunas estranhas que a idade media fez surgir da pedra e da madeira».

* * *

A SINDICANCIA aos serviços da Assistencia Publica encalhou com o pedido de demissão que o sr. dr. Nogueira de Lemos apresentou ao sr. ministro do Trabalho.

Se o novo sindicante, que não sabemos ainda quem será, houver por bem imitar o gesto do seu antecessor, teremos assim um novo exemplo do terror que a verdade inspira.

NACIONALISTAS

Ainda não foi possivel crear até hoje um partido bastante forte, capaz de contrapor-se ao P. R. P. sucedendo-lhe no poder, combatendo-o eficazmente das bancadas da oposição, e opondo-lhe um programa conservador, de objectivos definidos, em que o país veja um corpo de doutrina, digno de inspirar um largo movimento patriotico de organização do eleitorado.

Os nacionalistas, que representam a fusão de varios partidos, padecem do grave defeito de tudo sacrificarem a uma rapida conquista do governo, antes de tornarem conhecidos os seus principios, planos e pontos de vista e de entrarem em contacto directo com a opinião, não só captando-a e convencendo-a, mas tambem fixando a sua adesão em agremiações bem subordinadas a uma orientação firme e decidida.

Quando da sua formação, nós salientámos esta necessidade imperiosa, pois não se concebe que numa democracia os politicos vivam isolados em gabinetes, limitando-se a espalhar sobre a turba desatenta os seus conceitos, como quem receia constipar-se com as nortadas agrestes.

Apelar para a dissolução parece-nos um remedio peor que a doença.

Lembremo-nos do que aconteceu com as eleições feitas no tempo do ministerio Barros Queiroz que marcaram, sem duvida possivel, a fraqueza do partido liberal, perante a massa votante dos democraticos.

Desejam os nacionalistas lançar-se em aventura identica?

Nós desejamos que ás regiões governativas cheguem elementos novos, com ideias e iniciativas felizes, mas apoiados nas suas proprias forças, sem carecerem de auxilios alheios que, apesar de muito sinceros, nunca serão outra coisa senão mulêtas.

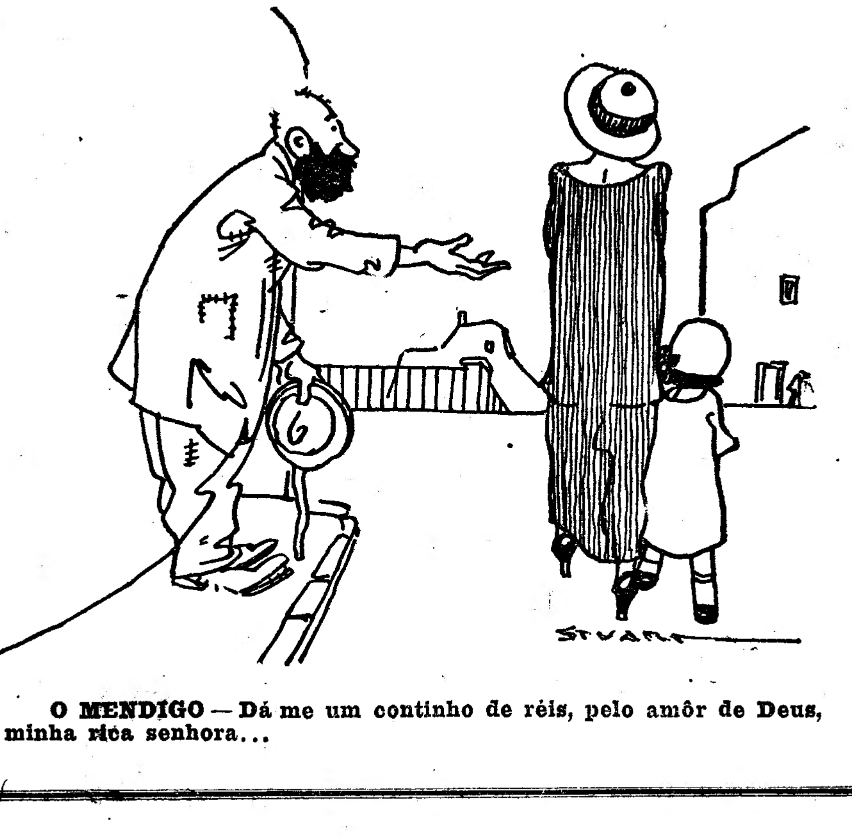
Os democraticos ganhariam muito, e com eles o país, se entrassem num periodo de reconstituição de principios e metodos de trabalho, fóra de qualquer intervenção nos dominios do poder.

Substitui-los pelos nacionalistas, sem que estes realizem a indispensavel obra de predica e doutrinação, não representa uma solução aceitavel.

O regimen republicano, para que seja alguma cousa mais que uma mudança de nomes, encobrindo satisfações de vaidades, não se compadece com *victorias* tais.

Porque não iniciam, desde já, largas e fructuosas propagandas, chamando a si tanta gente que, devidamente dispertada do seu scepticismo, não hesitará em passar-se para o seu lado, garantindo-lhes o exito que tão esterilmente têm procurado em S. Bento, com algumas atitudes mais artificiosas que admissiveis?

DAQUI A ALGUNS ANOS



O MENDIGO — Dá me um continho de réis, pelo amôr de Deus, minha rica senhora...

UM caso ocorrido com o sr. dr. Bernardino Machado, no inicio da sua vida politica, e que levará o leitor á convicção de que a combatividade foi sempre a qualidade predominante na psicologia do ex-chefe do Estado.

Fontes Pereira de Melo, o notavel homem publico do reinado de D. Luiz, gostava de reunir em sua casa a mocidade esperançosa da epoca e com ela conversar sobre os valores que se iam afirmando neste ou naquele ramo de actividade. Sucedeu, de uma vez, a proposito de Bernardino Machado, que pouco antes conhecera, referir se calorosamente á gentileza e bondade que, desde a mocidade, irradiam da pessoa do vencido da eleição presidencial de segunda-feira.

—E' um dos temperamentos mais doces, ressumando maior ternura, que conheço...

—Sim, sr. Fontes Pereira de Melo—acrescentou um dos presentes, joven ainda, companheiro e amigo de Bernardino Machado nos estudos universitarios—o Bernardino é, na verdade, uma excelente pessoa. Mas, discordando do preceito evangelico que aconselha o perdão das dividas dos nossos inimigos, procura sempre pagar com juro rasoavel as partidas que lhe pregam ..

No dia imediato, esse companheiro e amigo de Bernardino Machado, encontrando-o e após o relato do acontecimento, assegurou-lhe:

—Como vês, defendi-te energicamente...

Decorridos uns cincoenta anos, ha poucas semanas ainda, o sr. dr. Bernardino Machado, depois de se entregar a esse agri-doce prazer dos velhos, de recordar, confirmava:

—E ele tinha-me defendido — efectivamente...

* * *

A COTAÇÃO do marco, segundo um telegrama de Londres, atingiu já 27 milhões — a uma libra.

Na City, diz-se que tal moeda perdeu todo o seu valor real, não sendo a continuação da sua existencia mais que uma farça.

Em Berlim, suicidaram-se oito comerciantes num só dia, por se verem arruinados.

Apresentamos este exemplo aos maravilhosos financeiros da nossa terra que não receiam defender novos aumentos de circulação fiduciaria.

A inflação papelifera não é nem mais nem menos que uma marcha alucinante para a bancarrota, se não fôr travada á tempo.

Meditem nisto todos os que cuidam vencer as dificuldades que nos acabrunham segundo a lei do menor esforço... para a ruina.

* * *

APEZAR de ter sido aprovado na Camara dos Deputados e no Senado o projecto que aumenta as subveuções aos pensionistas do Monte-Pio Oficial, até hoje eles ainda nada receberam, encontrando-se toda a classe numa situação deveras lamentavel. Por intermedio do *Diario de Lsboa*, os pensionistas do Monte-Pio Oficial, reclamam dos poderes publicos que seja lavrado o diploma que lhes aumenta as subvenções.

* * *

TODOS os jornais de Lisboa e Porto re referiram largamente, fazendo alguns largas transcrições, á entrevista concedida ao *Diario de Lisboa* pelo sr. dr, Bernardino Machado.

* * *

POR amavel oferta do sr. Alvaro Neto, estimado colaborador do *Diario de Lisboa*, recebemos uma colecção de fotografias do Mosteiro da Batalha que podemos classificar de notabilissimas. Os nossos agradecimentos.

Por Sintra

A falta de luz

Com o pedido de publicação recebemos a seguinte carta:

Sr. Director.— Desculpe-me v. vir importuna-lo com este assunto, pedindo o reconhecido favor e cooperação na publicidade do seu muito conceituado jornal, que para estas justas reclamações está sempre pronto, tratando-se como se vê dum bem para todos.

O caso merece muita importancia, e v. dirá tambem de sua justiça, chamando-se a atenção da, ou das pessoas a quem de competir.

Ha três anos, que por esta epoca calmosa se vem dando o escândalo de em Cintra não haver luz, com interrupções continuas todas as noites, deixando, não só a vila completamente ás escuras, como as casas que fazem os seus negocios; e muito principalmente os hoteis.

Como se sabe, Cintra é uma vila aonde aflue, (só nestes três meses de verão) muita gente, não só para se hospedarem, como mesmo a grande afluencia semanal de passeantes.

E' nesta epoca que os hoteis se enchem de hospedes, e que os seus proprietarios procuram fazer alguns lucros, desferrando-se do tempo escasso de inverno, e, é nesta epoca precisamente, tambem, que este escandalo se dá, pondo, com esta grande bandalheira propositada da falta geral de luz, em graves riscos os progressos desta pequena vila, fazendo afugentar as pessoas, que para ali vão procurar as suas comodidades de repouso.

Poucas são as noites em que os hospedes não se vejam obrigados a comer á luz de velas, para quem tem que fazer, andar o resto do tempo ás apalpadelas, sujeito a cair nalgum barranco ou a esbarrar com alguma arvore ou parede e até mesmo ser atropelado, trazendo isto graves consequencias para tudo.

A luz é fornecida de Lisboa, mas vai passar pelo Estoril, onde ha duas ligações, uma para esta vila e outra para a de Cintra.

Em Cintra ha uma casa com aparelhos transformadores e com os seus competentes interruptores.

Não se sabe, pois, se é em Cintra propriamente que essa bandalheira se faz, ou se é no Estoril.

Será no Estoril esse divertimento prejudicial a Cintra, para chamar para ali os hospedes, a encherem os grandes hoteis de lá?

Se fôr propriamente em Cintra, o que se duvida, cabe ao sr. administrador do concelho essa atenção, chamando á atenção tambem os engraçados, pondo termo a tão escandaloso facto, que constantemente se dá.

Quer seja no Estoril, quer seja em Cintra, justo é que se acabe com esta «chicana», procurando defender os interesses desta pequena vila, tão procurada por estrangeiros em toda a epoca, bem como por nós proprios, que para ali procuramos o fresco e a economia de viagens, por ser tão perto, relativamente, de Lisboa.

Presume-se que, estando Cintra sujeita á corrente do Estoril, porque é desta ultima que cobram as respectivas importancias do gasto de energia da primeira, seja tambem muito natural que os interessados do Estoril paguem a quem de tal forma proceda, cortando a corrente electrica a Cintra, para causarem nos hospedes uma má comodidade, que, como é de prever, barafustam consecutivamente, havendo até quem já tivesse abandonado alguns hoteis, devido a tão infame brincadeira, que, como é de calcular, provoca prejuizos enormes.

Mas, como a ambição da negociata no nosso país tem tomado certas proporções, procurando-se todas as fórmas da avarice e do «mais a mim», não é de estranhar que, creaturas que disponham de fabulosas somas de contos de réis, possam concorrer para os prejuizos de Cintra, chamando ao Estoril, por este processo, a grande concorrencia aos interesses de que têm parte.

Urge, pois, chamar a atenção dos srs. administradores do Estoril e Cintra, para que se proceda contra taes factos, pois não ha razão que todas as noites suceda não haver luz em Cintra, prevendo-se que é propositadamente, porque é sempre que este facto se dá.

Agradecendo a v. a gentilesa da publicação do que acabo de expôr, creia-me com a maxima consideração, etc.—Um hospede anual de Cintra e um assiduo leitor do seu muito conceituado jornal, *M. P.*

P. S.— Supondo que o numero de «Watts» a gastar em toda a vila seja superior ao dos fornecidos pela maquina geradora, resultando o arrebentamento constante de fusiveis, não seria justo o alvitre de, até a uma certa hora darem corrente para as casas particulares e depois de uma certa hora em deante para a vila, ou vice-versa?

No meu fraco entendimento e longe de profundar nos assuntos electrotecnicos, creio que essa falta geral de luz se pode remediar, fazendo-se com isto, é claro, servir tanto aos da propria vila, como aos que a essa hora procuram ás escuras o caminho para a estação.

Dr. A. Pina Junior
Doenças das crianças Cirurgia infantil
Das 4 ás 6--CHIADO, 36, 2.°--Telef. C. 5020

CALÇADO PARA PRAIAS
CAMPO E SPORT

NOVA SAPATARIA DA MODA
102, 104, RUA AUGUSTA, 106, 108

Economia e higiene no calçado
obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO 74

INQUILINATO COMERCIAL

UMA ORDEM DE DESPEJO

emitida por um acordão

O caso Eduardo Martins e C.ª Limitada encaminha-se para a solução extrema

Mais um belo triunfo!

O «Diario de Lisboa» deu ha dias larga publicidade a uma «carta aberta» dirigida pelo dr. Acacio Furtado, advogado da firma Eduardo Martins & C.ª Ltd., ao juiz da Relação de Lisboa, sr. dr. Sousa Teles, relator do processo movido pela Companhia de Seguros União dos Proprietarios contra a referida firma Eduardo Martins & C.ª Ltd., carta que produziu grande sensação no publico. Referiram-se nessa carta varias irregularidades cometidas na remessa para a primeira instancia do traslado destinado a execução do despejo, queixando-se entre outras coisas aquele advogado de que, contra disposições expresssas da lei, e sem o cumprimento de formalidades legais, aquele traslado fôra remetido ao Tribunal do Comercio incompleto e mutilado por ordem verbal do juiz relator.

Sabemos agora que a Companhia de Seguros União dos Proprietarios se apressou a requerer o mandado de despejo logo que o processo deu entrada no Tribunal do Comercio, cartorio do escrivão sr. Laranjeira, opondo-se o advogado da firma Eduardo Martins com o fundamento de não ser o traslado processo legal, no estado em que foi apresentado, e não estar em condições de nele se basear o despejo, mesmo porque se mostrava contada e paga a Fazenda Nacional. O agente do Ministerio Publico perante a primeira vara comercial, sr. dr. Francisco Rodrigues, opôz-se tambem á execução do traslado, com o fundamento de que se não mostrava paga a Fazenda Nacional do que lhe fosse devido. Simultaneamente, o advogado da firma Eduardo Martins deduziu embargos de executado, baseados na nulidade do traslado e requereu que o juiz os recebesse com suspensão de despejo. Por despacho de ontem, proferido pelo meritissimo juiz da primeira vara comercial, sr. dr. Sampaio Duarte, foram recebidos aqueles embargos com suspensão do despejo, devendo a União dos Proprietarios ser intimada para os contestar e seguindo, depois, os seus termos para julgamento após as próximas férias judiciais, não podendo, por isso, efectivar-se o despejo ambicionado pela Companhia União dos Proprietarios. Por outro lado, e é pormenor tambem interessante, a Relação de Lisboa proferiu ontem a respeito do mesmo traslado o seguinte acórdão:

Acórdão em conferencia na Relação: que em vista do Venerando Acórdão do Supremo Tribunal de Justiça, «mandarei que se passe carta de ordem para a primeira instancia, evoca do o traslado». Lisboa, 8 de Agosto de 1923—(aa) ***Teles. Mota Prego. Fernandes Pinto.***

A firma Eduardo Martins & C.ª Ltd., acaba de obter um belo triunfo, que é antes um altissimo acto da boa e sã justiça: o Tribunal deu sentença favoravel na famosa e já conhecida causa em que é parte a União dos Proprietarios.

Sempre assim o julgamos, e o proprio Tribunal do Comercio assim o sentenciou, num belo espirito de isenção e de rectidão.

Por esse motivo, são dignos de todos os elogios os ilustres magistrados que em tal sentença intervieram. O poder judicial, na nossa terra, está acima de todos os escarneos. Se não ha censura que o atinja, tambem não ha louvor que dignamente o premeie. E' das instituições mais nobres e mais admiraveis, e daquelas de cuja seriedade não ha que duvidar. Foi sempre assim, e, neste caso, os nossos magitrados acabam de dar mais uma bela demonstração do seu espirito.

Curvemo-nos, pois, ante eles. A verdade é que, uma magistratura honesta e recta, é a mais solida garantia duma sociedade.

Todos nós sabemos como é iniqua a lei do inquilinato, tal como ela está, e a prova vê-se na qualidade de clamores que se erguem á volta do Parlamento. E' uma lei anacronica, que não conta em nada, com os casos de inquilinato moderno, e que está inteiramente fóra das condições creadas pela guerra, que tudo modificou e tudo transformou.

A Espanha reaccionaria, por exemplo, possue uma lei de inquilinato muitissimo mais liberal do que a nossa. Ali, não ha, como entre nós, esta cousa horrivel: o mandado de despejo provisorio, disposição hedionda, monstruosa, diabolica, que só poderia bater no cerebro dum inquisidor — e que nós temos, no nosso codigo, a atestar... os nossos bons costumes!

Pertence, de facto, aos juizes — em nosso entender — cortar as arestas das leis, torná-las mais humanas, aproximá-las, quanto possivel, das exigencias modernas.

Neste caso, porém, parece que nem isso foi necessario fazer. Tratou-se, ao que nos dizem, dum processo simples de inquilinato comercial, que só a União dos Proprietarios pretendia tornar confuso, na esperança, está claro, de que isso a favorecesse.

A firma Eduardo Martins & C.ª Ltd., tem o seu estabelecimento mantido ha uns poucos de anos, num dos melhores locais de Lisboa. Aí, á força de vontade, de honestidade e de fé, se fez essa casa, e, nela, uma tradição comercial que já vem de longe.

E' um direito da firma, que niguem lhe póde contestar.

Que diabo! Não se pega assim num grande estabelecimento para o pôr no meio da rua, porque um estabelecimento, mesmo exiguo, não se muda para uma trapeira!

Repetimos: são dignos de todo o elogio os magistrados que lançaram o acórdão, como não devemos esquecer, neste momento, o advogado da firma Eduardo Martins & C.ª Ltd., sr. dr. Acacio Furtado, pela competencia profissional e pelo zelo que patenteou numa causa que era bem para pôr á prova os conhecimentos forenses e a persistencia dum jurisconsulto.

Quanto ao mais — e isso nos alegra sobremaneira — a douta sentença, agora pronunciada, é para nós todos a garantia de que, em casos identicos, a justiça estará irrevogavelmente da parte de quem a tiver.

Significa isto que foi a propria Relação que se viu obrigada a chamar de novo a si o traslado, evocando-o da 1.ª instancia, para dar cumprimento a um acórdão do Supremo Tribunal de Justiça, que sabemos ter sido publicado na passada terça-feira e tirado por unanimidade de votos dos srs. juizes dr. Osorio de Catsro, relator, Horta e Costa e Basilio da Veiga. Esse acórdão mandou tomar um termo de recurso de revista que a Relação tinha negado contra direito á firma Eduardo Martins, e, como esse termo tinha e tem que ser tomado nos proprios autos de traslado, essa é a razão por que a Relação teve que mandar evocá-lo para dar cumprimento á decisão do Supremo Tribunal de Justiça.

ESCOLA DE CINEMATOGRAFIA
anexa aos laboratorios da STUDIO-FILM LISBOA
dirigida pelo actor cinematografico
CARLOS MACHADO
RUA IVENS, 26, 3.°
(das 12 ás 18 horas)
TODOS OS DISCIPULOS COM APROVEITAMENTO SERÃO CONTRACTADOS PARA OS FUTUROS «FILMS» DESTA EMPREZA

MAQUINAS DE ESCREVER
IDEAL
A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª Tel. N. 4225. ESCADINHAS DO DUQUE, N.° 3, 1.° (Proximo á estação).

A's Senhoras
Farsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.
Calçada da Estrela, 13, 1.° Esquerdo
Entero colite crónica — Seu tratamento
ESTORIL-TERMAS

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa de Fornos de Algodres, D. Emilia Caldeira de Bourbon Pinto Geraldes Ferreira Pinto Basto, D. Peregrina Marques de Freitas, D. Maria Luísa Alves Ferreira Pinto, D. Aurora Germana Ferreira d'Eça de Albuquerque Leal, D. Guiomar Maria de Laxman Ferreira Pinto de Sousa e Menezes, D. Cacilda de Leite Vieira de Oliveira, D. Maria José Ribeiro de Faria, D. Maria Eugenia de Oliveira Tenreuro Ilhares, D. Maria Rosa Cunhal Patricio e D. Eugenia Teles da Silva (Tarouca).

E os srs.:

D. João Carlos da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca), José Maria Teles da Sylva (Tarouca), Luís Martins Cardoso de Menezes (Margaride) e João Viana Roquete.

«Rendez-vous» elegantes

A elegantissima festa a que ontem nos referimos e que se realiza no proximo domingo, com a assistencia de toda a nossa primeira sociedade é a corrida de touros no Campo Pequeno, onde pela primeira vez nesta epoca se apresenta um «cartel» digno da assistencia, que certamente ali afluirá. Pela lista de camarotes que vimos, podemos desde já garantir que a tarde de domingo será a melhor e mais distinta desta epoca.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa «élite» dá «rendez-vous» amanhã de tarde nas «matinées» do Cinema Condes, Chiado Terrasse e Salão Foz, onde se exibem programas proprios para crianças e outros «films» de arte e á noite nas recitas da moda do S. Luís e Maria Vitoria, com a celebre e engraçada revista «Fado corrido» que tanto exito tem obtido.

Exames

Fez exame do segundo ano do curso dos liceus ficando aprovado o menino Antonio Fernando Cohen Sarmento, filho do nosso querido colaborador e scintilante jornalista sr. José Sarmento.

—Fizeram exame de admissão ao curso dos liceus e ficaram aprovados a menina Albertina de Araujo, gentil filha do nosso camarada Norberto d'Araujo e o menino Manuel Vaz Ferreira de Andrade, irmão de Alvaro de Andrade, secretario da redacção de o «Diario de Lisboa».

Em viagem

Com demora de algumas semanas partiu ha dias para a sua casa em Castelo Novo o sr. dr. Tomaz do Gambôa Bandeira de Melo.

— Com sua esposa a sr.ª D. Virginia Canisso e sua gentil filha partiu para a Figueira da Foz, o sr. Joaquim Canisso.

—Para a sua casa de Guimarães partiu com sua esposa a sr.ª D. Carolina Teixeira Pereira e suas gentis filhas D. Adelia e D. Eulalia, o sr. Luiz Antonio Pereira.

— Partiram para as Pedras Salgadas os srs. João Pinheiro de Melo (Pindela) e Henrique Correia Leite.

— Para a Curia, partiu a sr.ª D. Beatriz de Sousa e Vasconcelos Calvet de Magalhães.

— Esteve na Figueira da Foz, vindo da Curia, de automovel, onde regressou novamente, o sr. Bartolomeu Perestrelo de Matos, sua esposa a sr.ª D. Maria Rosalina Pinto Coelho Perestrelo de Matos e a sr. D. Maria Helena Iglezias Viana.

— Para Vila do Conde, partiu o distinto engenheiro sr. Alberto de Sousa Rego.

— Partiram para a sua quinta do norte os srs. Antonio Bandeira de Melo e familia.

— Com sua esposa a sr.ª D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques e seu gentil filhinho, partiu para as Pedras Salgadas o sr. dr. José Antonio de Meyreles de Campos Henriques.

A PEÇA SEM RIVAL
nas suas sensacionais atracções,
empolgantes e imprevistas é
20:000 DOLLARS
O grandioso exito do
TEATRO NACIONAL
TODAS AS NOITES

Dr. Cordeiro Lobato
Garganta — Nariz — Ouvidos
Das 4 ás 6 — Chiado 36, 2.° — Tel. C. 5020

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO. 140

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
— Pelo correio mais $20 para registo —
TELEFONE NORTE 4020
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51—LISBOA

EM AFRICA VELHA

As cigarras de Alcacer
E O NOME DE PORTUGAL

"Do alto destes muros, onde se cobriram de gloria os velhos soldados portugueses soltemos um grande viva a Portugal,,

palavras pronunciadas pelo comandante general de Ceuta

Defronte de Alcacer-Seguer, 5 de Agosto

Quando puzemos o pé em areia de oiro, fôfa como penas — as cigarras cantavam. Eram elas as donas de Alcacer. Pela ribeira iam mouros a cavalo, com suas carabinas em riste, como lanças, e ao fundo, á sombra acolhedora das ruinas do forte uma «karka» de mouros pacificos e minusculos faziam scenario de animatografo. Militares espanhois de ocupação recebiam os visitantes: oficiais de marinha espanhola e portuguesa, arqueologos, gente de Portugal.

Ha quantos anos ali não vinha gente de Portugal!

Alcacer-Seguer surpreendida, parecia erguer um pouco a sua cabeça que ha quatro seculos descansa de batalhas inglorias. A ribeira, ela mesma, surpreza, suspendeu o murmurio da sua agua perpetuamente noiva do sol, e quedou se a ver. Só as cigarras cantavam, cantavam monotamente.

Alcacer-Seguer! Lá está a velha fortaleza derruida, ruina que fala, pedras que têm voz, ameias que têm olhos.

Uma velha porta, como um grande portico hospitaleiro, convida a entrar.

Por ali á roda, extensão magnifica, longes magnificos, espuma azul de cordilheiras — a Africa toda espreita.

Aumenta a cantiga monotona das cigarras. Vieram todas. Toda a Africa enviou cigarras para cumprimentar os portugueses. Uma kabila de cigarras, cigarras alegres, cigarras liais, cigarras da dinastia das cigarras que acolheram, embalaram os sonhos dos portugueses quando foi da tomada de Alcacer-Seguer, lá muito longe na historia.

Os mouros prostituiram-se, capitularam, venderam-se. Degeneraram. Perderam o sangue negro. Os portugueses foram embora, para nunca mais. Os espanhois, senhores de Alcacer, não sabem conservar fortalezas, nem colonizar ariais, nem alegrar desertos, nem erguer muralhas.

Nem mouros, nem espanhois, nem portugueses. Nem a mumia de D. Duarte de Menezes, nem a sombra do primeiro fronteiro-mór.

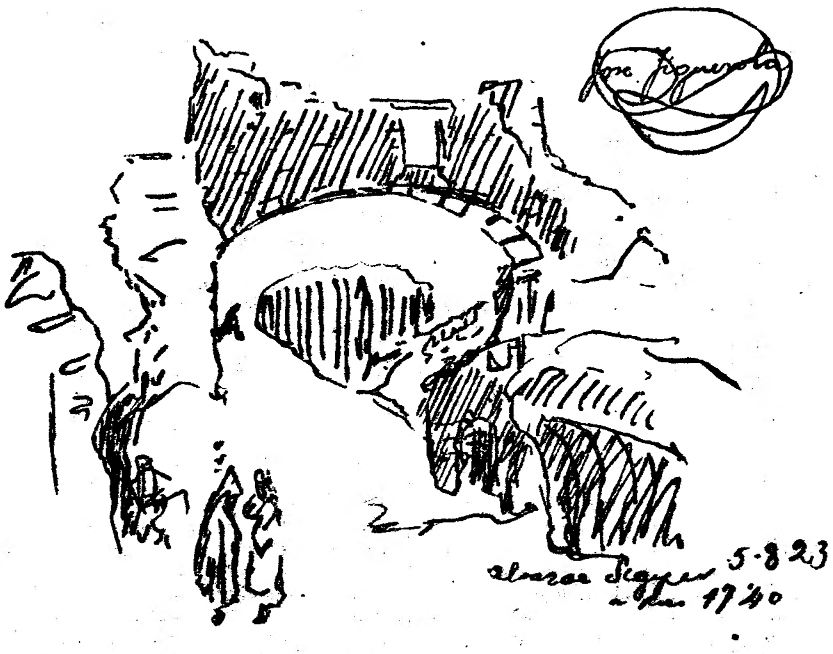
Alcacer-Seguer — é hoje das cigarras.

Quando entramos na antiga fortaleza, onde o brazão português foi picado e de cujo senhorio resta um belo escudo de D. João I — que os ingleses roubaram e levaram para o «Bristsh Museum» por não poderem levar Alcacer toda, — quando entramos as ruinas do antigo dominio, as pedras ao sol, ao som da viola de uma unica nota, aos aromas da herva cidreira brava, ao passeio dos lagartos, ao zumbido de mil gafanhotos do tamanho de môscas, ao namoro de borboletas selvagens, ao ruido distante e sonolento do mar na areia — as pedras contavam lendas dos portugueses.

As pedras de Alcacer como não teem mais nada que fazer, e estão velhas, fazem como todas as velhas: vão envelhecendo mais e contam historias.

Quando passamos a porta velha, antiga porta real, as pedras olharam a gente, e puzeram-se a fingir que não nos conheciam. Pensavam:

— «Eles, outra vez. Ao menos se ficas sem pode ser que aqui voltassem a crescer rosas vermelhas e a haver fontes a cantar».



A entrada do Velho Castelo de Ceuta

(Apontamento do capitão de Estado Maior sr. D. José Figueiroia)

Mas não. Os portugueses não voltam nunca mais. Nem a Alcacer Seguer nem a parte nenhuma. E' talvez por isto que as cigarras monotonamente, desiludidamente, cantam, cantam.

* * *

Alcacer Seguer—Alcazar o pequeno—é um ninho de saudades e de glorias mortas. Os companheiros espanhois que vão comnosco, não conhecem nada disto. Aquilo é deles, mas nós é que sômos os donos. Quem fez de guia é um arqueologo espanhol, D. Izidoro Montalvan, que veiu de Tetuan de proposito explicar as pedras aos portugueses.

Explicar as pedras!

Montalvan é ingenuo. As pedras não têm explicação. As pedras adivinham-se, sentem-se.

A expedição logo trepa as velhas torres, as muralhas, os fortins isolados, escala os fôssos, espreita pelas seteiras. As pedras—não se doem; deixam-se pizar. Para nós passarmos, os aromas da herva cidreira brava e da pimenta, recolhem-se a um lado, e põem-se de conluio debaixo duma grande ruina que o tempo ha três seculos anda a esburacar, inutilmente, que aquilo não cai assim.

Vão senhoras comnosco. Cinco raparigas de Ceuta, quasi lindas, e muito mulheres. No alto do velho castelo—parecem borboletas da Europa, que tivessem vindo mostrar as «toilettes» de Gibraltar, de Sevilha, ás azas, simplesmente brancas, da borboleta de Alcacer.

No cimo da fortaleza, um homem, forte e belo, surge. E' o comandante general de Ceuta: um hespanhol digno, D. Manuel Navarro. Faz um gesto de silencio e brada:

—Senhores! Senhores! Do alto destes muros, onde se cobriram de gloria os velhos soldados portugueses, evoquemos as façanhas da nação amiga e soltemos um grande viva a Portugal!...

A' palavra Portugal, na planicie dura e ardente de Alcacer, faz-se um silencio emocionante e doce. Apenas as gargantas repetem «Portugal», e logo a palavra vai por ali fóra «Portugal», por ali fóra, pelo vale, pela ribeira, pelo coração da montanha, «Portugal», á procura de um canto, de uma sombra, de um abrigo para desafogar em lagrimas e saudade dos tempos em que haviam lanças e elmos portugueses.

A expedição está agora junto aos muros de fóra da fortaleza. Os portugueses adeante: são quasi todos pequenos, sorridentes, morenos. Os hespanhoes atraz, mais altos, rindo em vez de sorrir, um tudo nada de ironicos, felizes, despreocupados.

Adianta-se então da frente de uma «karka» de mouros indolentes, armados, silenciosos, de barbas e turbantes—um homem velho, alto, lacrimoso, mendigo vestido de farrapos de ouro, certa malicia nos olhos piscos e um alkorão no seu gesto ritmico. E' Mohamed Ben Sid Hasan el Hichu, chefe de kabila, homem respeitavel e duro, que pertence áquela sorte de mouros fieis a Castela e infieis á mourama. Apoiando-se a um bordão, e mal mexendo os labios, pronuncia algumas palavras em lingua arabe.

O introdutor do palacio do kalifa, que anda em nome de sua alteza com os portugueses, D. Emilio Toban, traduz:

—O mouro diz que, em nome da sua gente, deseja ao portugueses saude e a Portugal fortuna e gloria.

Um português agradece e Toban traduz para arabe:

—Os portugueses fazem votos pela saude e fortuna dos mouros fieis á soberania...

Agitam-se, como mendigos formados, os cincoenta mouros da Kabila. O capitão general, fazendo a continencia passa por deante de Mohamed Ben Sid Hasan, el Hichu. Passam tambem os comandantes dos «cruceros», os oficiais marinheiros espanhois, os guardas-marinha portugueses, todos pequenos e alegres, os oficiais dos exercitos de D. Afonso XIII, os vereadores de Portugal, os arqueologos do Carmo — toda a expedição. A moirama procura distinguir no cortejo quais foram os que conquistaram e quais foram os que se apossaram. A moirama não logar sabê-lo. Aquela moirama é nova; tem cincoenta anos. Quem o sabe, são as pedras, que teem cinco seculos. Mas as pedras não se entendem com os homens, e como o sol declina e os escaleres já vão a caminho do navio, elas, fazendo roda, senhoras outra vez da posição, recomeçam a historia interrompida.

* * *

O navio fez-se ao largo. Em Alcacer, um louco a dizer adeus com um lenço branco que só a gente vê, fica a velha ruina florida. Na ribeira um mouro a cavalo, correndo largo a largo, corta a serenidade suave da paisagem. Daqui a bocadinho é noite. Já a fechar os olhos — as cigarras cantam.

Norberto de Araujo.

Os mouros que desejaram a Portugal «Gloria e alegria»

"DIARIO DE LISBOA" VENDE-SE, EM PARIS, NA RUE SAINT LAURENT, 3

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Impressões de viagem

CEUTA, 4.—A viagem da Bengo *foi um tormento para os pobres portugueses, filhos de marinheiros e tendo marinheiros por antepassados, que se «arriscaram» a vir de Vila Real á costa de Africa.*

E estava um Oceano tão lindo á partida da pequena canhoneira! Rosas azues—mar de rosas.

Mas—dizem os oficiais—um ventinho do Levante encapelou o azul, e o barco foi um joguete das ondas, e do vento.

A esquadra americana fez-se á costa, entre prudente e linha de rumo. A Bengo *deixou-se ir, em pleno estreito, açoitada...*

De modo que agora que a manhã de 4 vai bela, e o sol doura as petalas azues do mar de rosas simbolico, as gentes extranhas do navio português mal têm olhos para ver a costa de Africa.

E que costa de Africa Deus dera antigamente aos portugueses!

Cabo Espartel, Tanger, Alcacer Seguer, o môrro do Atlas, formidavel e suspenso do ceu, com suas atalaias e as manchas negras dos mouros bravos, insubmissos e escuros. E ao cabo, num promontorio, mão cheia de neve, ou pomba agachada nesta costa de Marrocosque foi toda nossa—Ceuta.

Ceuta! Parece que pode ser agarrada com as mãos, como uma grande tangerina, pequenina no meio do mar, esta Ceuta, que para nós, e para vós, leitores, é um sonho do passado, cheio de aroma, de côres, de algaraviadas, plena de encantamento, e de riquesa, envolta de pomares e de igrejas-capelinhas, de velhas ruinas e de novas estradas, e onde á hora que o pequenino navio português, sacudido pela maquina e pelo mar, corria o azul «côr de rosa» aos impetos—tocam sinos com cinco seculos de alegria e com as armas portuguesas de quinas na orla da sua boca religiosa, gloriosa, imaculada.

Sinos de Ceuta! Não chegam cá ao mar alto. Mas a gente adivinha a sua voz, a elegia da sua voz, o beijo da sua voz, varrendo as cordilheiras do Atlas, até chegar á nossa alma ansiada.

E' preciso sair de Portugal—para se sentir a Patria. Parecem animais barbaros, monstruosos, fantasticos, estes morros a pique do Atlas formidavel. Tomam formas elefantinas, leoninas, primitivas; parecem avançar pelo mar dentro, desafiar Gibraltar, desafiar Andaluzia, desafiar Castela.

E afinal—não. Não desafiam ninguem, não afrontam ninguem. Sorriem-nos. Conhecem-nos. Mostram esta face carrancuda, por habito, como os mouros chefes, tisnados e feios, que vem prestar vassalagem no fato domingueiro da sua humildade selvagem.

Ceuta!

O navio entra ao som da artilharia. Ha tres seculos que aqui não vem um navio português. O proprio mar sorri, como o sol, as casas, os sinos e a alegria feita luz. As ondas da baia, sob o casco negro da Bengo *desfazem-se em rosas de espuma.*

Ceuta.

N. de A.

CAMBIOS

DIA 9

	Comprador	Vendedor
*/Londres, cheque	=	2 7,64
» 90 dias	=	=
*/Paris	=	1$425
*/Berlim	=	=
*/Holanda	=	9$830
*/Madrid	=	3$485
*/Bruxelas	=	1$100
*/Roma	=	1$0 0
* Suiça	=	4$530
*/Suecia	=	=
*/Noruega	=	=
*/Dinamarca	=	=
* Nova-York	=	24$925
* Brasil	=	=
Rio * Londres	=	=
Libra esterlina	=	=
Agio do ouro	=	=

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

«Casa em ordem»

de Artur Pinero

tradução de Antonio Pinheiro

e como a interpretou a actriz Lucilia Simões

As minhas relações com a *Casa em Ordem*, datam do dia em que li a tradução francesa, que na *L'Illustration Theatrale* vem assinada por Leon Balzagette e J. W. Bienstock. Apesar da critica francesa, talvez por chauvinismo, têr feito sobr'olho ao admiravel episodio comestico de Artur Pinero, considero-o uma bela peça de ambiente, caracteristicamente inglesa, raciocinada, metodica, fria. O espirito francês, disse-o Faguet, vive de acção—acção especulativa, falsa, muito teatral e pouco vivida.

O seu teatro tem quasi uma unica matriz—o amor. A *Casa em Ordem* é uma comedia estudada, de ambiente, perfeita de naturalidade, de puritanismo, de cuidada pormenorisação psicologica, de interessante caricatura, sem chegar á «charge». A critica francesa não considerou como devia a obra de Pinero, cujo eixo revoluteia, não com sentimentos afectivos, mas com sentimentos morais, expostos placidamente e resolvidos sem degringolades.

Falta-lhe um pouco de acção? Sem duvida! Mas se Pinero quebrou a tradição do teatro de Shakespeare, grandioso e excessivo de humanidade, com multidões em scena, uivando coleras e pedindo cabeças de reis, com epopeias de amor, idealisticamente traçadas, contrastando vivamente com ferozes traços de realismo—se ele quebrou essa tradição, dizia, reintegrando no moderno, verdadeiro espirito inglês, matematico, calculista, o seu teatro, este não pode deixar de ser explicado até á minucia, mesmo depois dos factos conhecidos e das acções realisadas.

Dito isto, que é muito pouco, enveredamos já, pela interpretação que a companhia Lucicia Simões deu á *Casa em Ordem*.

Fui daqueles que de pé, no final do terceiro acto, aplaudiu intensamente, vibrantemente, Lucilia. O que eu admiro nela é a inteligencia absoluta que a guia, a dirige em todas as peças. Na *Casa em Ordem*, outra fôra ela, teria logo avolumado a voz em oitavas nas primeiras scenas, e, em garganteados lamechas de «glotte» afeita a conservatorios, clamaria, gritaria ..

Lucilia Simões, depois de ter dado discretamente, uma justa pormenorisação de mascara e gestos á curiosa da figura, depois de a ter traçado, de a ter vivido, menina, irreflectida, criança ainda, lutando apenas por mil nadas que caracterizam a mulher adormecida na infancia—aguarda a scena final do terceiro acto, esmigalha todos os recursos de artista, fica carne, odio em sangue, despedaça o corpo, é humana, palpitante, nua, selvagem e adquirindo na alma a sua força, esgotando o coração, num instante quebrando o envolucro material da carne, para ficar limpida, hialina de sentimentos—atinge o paroxismo maximo, talvez unico da dôr que anarquiza a vida, explode, queima, tritura e mata, matando-se ela propria. Nunca vi corpo que tanto vibrasse, que fosse apenas um gesto, uma mão, um dedo, todo ele um esgare, um rictus, uma boca, uns labios, pluralizando as palavras, dando-lhes labaredas, esbrazeando-as de colera, incinerando as de lagrimas.

Duas palavras: a *Maior de todas!*

Erico Braga fez o papel que Antonio Pinheiro devia interpretar. A sua mocidade estalou nitidamente a cabeleira dos quarenta anos. A sua individualidade rasgou com estrondo o velho Richard, maduro de vida, sentimental, *raisonneur*.

Em vez de ser um homem fatigado de viver, quasi que chegou a dar-nos a impressão—scena final do 3.º acto — que era um apaixonado. Contrascenando com Lucilia, Erico foi galã, excessivamente galã. Teve demaziadas liberdades para uma cunhada. E' preciso que os amigos de Erico — eu sou um deles — não o incensem á *tort et a travers*, evitando darlhe as palmatoadas que ele merece, quando, com o impulso adquirido, engrola a lição. Antonio Pinheiro, que devia ser o Richard e não o Henri Jesson, não poude esconder os seus anos. Disparatadamente, apesar do personagem que ele interpreta ser casado duas vezes, emquanto Lucilia se apresentava fresca, juvenil, cantante como as cotovias, de olhos purificados pelo eter — Pinheiro comprometido um pouco pela sua voz surda, dava-nos a impressão de um homem que já tivesse dobrado os cincoenta anos.

Se puzessemos em equação as idades dos conjuges, não lhe achavamos a incognita do afecto. O que se deve agradecer a Antonio Pinheiro é a enscenação da *Casa em ordem* e, principalmente, as marcações dos 2.º e 3.º actos. São admiraveis, autenticos quadros de figuras, bem desenhados, sem contrastes de linhas rectas. Os actores movimentam-se lindamente.

Maria Sampaio, graciosa. Almada foi o autentico e classico major inglês, frio, linear, cortante. Não gostámos da actriz que interpretou Lady Ridgeley. Sem lhe dar um con torno, um tudo nada comico—comico que resulta da sua situação e educação puritana, em face da graça de esquilo da nora—acachapou, aportuguesou a figura, numa sogra de provincia. O Roberto da *Casa em ordem* marcou demasiado, no 2.º acto, a ternura que ele tem ao major Maurewarde, de tal forma que o segredo do 3.º ficou logo desmascarado.

A tradução, de Antonio Pinheiro, rasoavel. Ha insignificantes pormenores que foram descurados, mas que não influem, na nossa impressão.—*Artur Portela.*

Oficiais da armada

Vão ámanhã ser inspecionados pela Junta de Saude Naval, todos os guardas-marinhas que têm de ser promovidos a 2.os tenentes.

—Vai ser assinado um decreto mandando levantar a pena de separação do serviço da armada e reformando o capitão de fragata sr. Melo Guerreiro.

—Foi reformado o capitão de fragata sr. Costa Marques.

Ordem de S. Tiago

Foi á proxima assinatura, o decreto agraciando com a Gran-Cruz de S. Tiago da Espada, o professor de oceanografia fisica sr. J. Thoulet.

Uma rectificação

A pedido do interessado, capitão do Exercito Espanhol, temos o gosto de rectificar a noticia, dimanada do Governo Civil, que com este titulo publicámos ante-ontem. Entrou com efeito o referido capitão, acompanhado de sua mulher, na joalharia do sr. Lory, mas ia á paisana, pois não trouxe o uniforme para Portugal.

Não lhes convindo o preço duma corrente sairam sem comprar nada, sendo chamados imediatamente. Longe de fugir, prestaram-se a quantos tramites a policia quiz seguir, inclusivé ao registo em presença do sr. Director da Investigação Criminal, de maneira que ás três horas averiguou-se que não tinham trocado a corrente. Isto só poderia ter sido feito—se é que o foi—em data anterior.

REGIONALISMO

Concurso

de um romance ou novela

SOBRE

a provincia trasmontana

A provincia de Trás-os-Montes tem incontestavelmente uma individualidade propria, sendo uma das mais carecteristicas das regiões portuguesas.

Todos concordam na conveniencia e nas vantagens de criar e desenvolver entre nós o espirito e a literatura regionalista — tão grandes noutras regiões da peninsula — como condição essencial para o progresso e desenvolvimento da Patria.

Varios são os processos de que se póde lançar mão para conseguir esse «desideratum». Mas um dos mais proficuos é abrir concursos com premios para obras de caracter acentuadamente regionalista.

Foi pensando assim, que o sr. Avelenoso resolveu abrir, por nosso intermedio, um concurso para a publicação de um romance ou novela sobre usos, costumes e tradições da provincia de Trás-os-Montes, oferecendo um conto de réis ao autor do trabalho que obtiver a primeira classificação e quinhentos mil réis ao segundo.

Condições do concurso:

A acção deste romance como é intuitivo, deve passar-se principalmente em Trás-os-Montes, e referir-se a uma epoca historica determinada, antiga, moderna ou contemporanea, girando em torno de personagens transmontanas historicas ou ficticias.

Os originais escritos á maquina ou letra bem legivel, serão entregues até 31 de Julho de 1924, assinados com uma divisa a escolher.

Juntamente será entregue uma carta assinada pelo mesmo individuo da divisa, contendo dentro, em pequeno subscrito, devidamente lacrado, o nome do autor correspondente a essa divisa. Essa carta só será aberta, depois do juri ter feito a respectiva escolha.

O encarregado de proceder á distribuição dos premios será o Director do *Diario de Lisboa*, ao qual serão entregues os originais e as cartas, nos termos estipulados neste concurso.

Para poder entrar neste concurso basta ser português, quer se esteja domiciliado no País, Metropole e Colonias, quer no Brasil ou em qualquer outro país estrangeiro.

O juri do concurso será constituido por uma comissão de 5 membros, o primeiro dos quais natural da provincia de Trás-os Montes ou filho de pai ou mãe trasmontano e o segundo o Director do *Diario de Lisboa* ou quem ele indicar, Os três restantes serão escolhidos pelo *Diario de Lisboa*, entre os individuos que tenham residido na provincia de Trás-os-Montes ou mostrado especial interesse pela literatura regional.

Dentro dos quinze dias imediatos, depois da abertura dos originais, o juri procederá á classificação dos mesmos e distribuição dos respectivos premios.

Tanto os originais premiados como os que o não forem, ficarão pertencendo aos seus autores, sendo porêm, condição obrigatoria a publicação dos originais premiados.

TAUROMAQUIA

A festa artistica de Luciano Moreira

Como nos anos anteriores, a festa artistica do distincto bandarilheiro Luciano Moreira agradou plenamente tendo o publico aplaudido o beneficiado e todos os artistas que nela tomaram parte.

A nota mais interessante da corrida deu-a o pequeno cavaleiro Henrique Sales, que entusiasmou a assistencia farpeando uma vaca. A sua coragem, admiravel numa creança, a sua serenidade e os seus conhecimentos da dificil arte de Marialva, grangearam-lhe ovações calorosas e expontaneas, tendo tido chamadas especiaes.

Grandes corridas de toiros em Viana do Castelo

As festas á Senhora da Agonia, nos dias 18 e 19, que se caracterizam sempre pelo seu invulgar brilhantismo, têm este ano um atractivo soberbo: a organisação de três grandes corridas de touros, em que entram os três melhores cavaleiros portugueses: João Branco Nuncio, Simão da Veiga Junior e José Casimiro. Bastavam estes três nomes para honrar o organizador do grande torneio tauromaquico, o distinto bandarilheiro Luciano Moreira. Entram na lide bandarilheiros como Luciano, Tomaz da Rocha, Teodoro Gonçalves, Custodio Domingos e Alfarero e os grupos de forcados capitaneados por Chico Marujo, Matias Leiteiro e Pilé.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — **A Cidade** — CRONICAS E ENTREVISTAS

PELA FINANÇA

O cheque cruzado vai substituir *A NOTA* do Banco de Portugal?

«Malo»—um anonimo que se interessa sobremaneira pelos assuntos financeiros e comerciais, enviou-nos um alvitre que, a ser posto em pratica—diz—será imensamente util á industria e ao comercio.

Vejamos do que se trata.

«Malo» pretende a criação do cheque cruzado e da Camara de Compensação.

Diz do cheque cruzado:

—Este instrumento que deveria vir resolver em Portugal as presentes dificuldades da falta de numerario, poderia ser criado e adoptado sem intervenção oficial, desde que houvesse boa harmonia entre os principais bancos e banqueiros da nossa praça e que organizassem uma Camara de Compensação.

—Mas o que é o cheque cruzado?—preguntará o leitor pouco versado nestas questões.

—E' um substituto magnifico das notas, que tem, sobre estas, varias vantagens; regula todas as transacções sem remuneração alguma, pois que o seu emprego não comporta juro nem desconto. Não constitue, por assim dizer, um pagamento; é apenas a constatação duma transacção comercial cuja liquidação se fará por compensação entre banqueiros. E' um titulo que nunca será pago (em numerario). Deste facto resulta que, se algum cheque se perder, quem o encontrar (sabendo que nunca poderá realizar o seu valor) apressa-se a entregá-lo ao Banco cujo nome e direcção menciona.

E «Malo» conclue:

—Existindo uma fórma conhecida (o cheque cruzado) que fez as suas provas nos principais paizes, como substituto do numerario, porque se não adopta entre nós, em vez de pensar no aumento da circulação que «todos sem excepção» sabemos que vai agravar o cambio—aumentando portanto desde logo o custo da vida?

Será para beneficiar os detentores de creditos no estrangeiro, que são em pequeno numero, que se procura prejudicar os 6 milhões de portugueses com o aumento da circulação fiduciaria? Dizem que ha 72 casas bancarias em Lisboa; mais se diz que em média deve cada uma dispôr de Lb. 15:000 em Londres; ha portanto cêrca de um milhão de libras para especular; se com o aumento da circulação o cambio se agravar de meio ponto (passando de 2 para 1 e 1/2) haverá um lucro de 40$00 (quarenta escudos) por Lb. ou sejam 40 mil contos para os especuladores. Mas como o bacalhau, o arroz, o assucar, o carvão e todos os demais artigos sobem na devida proporção, quanto pagará a mais o pobre consumidor, para enriquecer os especuladores?

Isto é imensamente grave e precisa ser absolutamente ponderado por aqueles que devem pronunciar-se sobre um possivel aumento de circulação fiduciaria, e ainda pelos que, podendo suprir a falta de numerario, com o emprego de um instrumonto conhecido, não o façam, ou por rotina ou por qualquer outro motivo.

Torpedeiro "Douro"

Largou hoje para o serviço de fiscalização da pesca em Setubal, o contra-torpedeiro «Douro».

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
50-CHIADO-LISBOA

O CRIME DO CASAL VENTOSO

O "Gato bravo" e o «Piadinhas» *deram três contos de réis* ao oficial de deligencias que os deixou fugir

O «Gato Bravo», o «Assanhado» e o «Piadinhas» são, como os leitores sabem, assim uma especie de «Cócó, Reineta e Facada» das alfurjas da capital. Aqui ha tempos, ali para os lados dos Terramotos puzeram o logar em estado de sitio, numa noitada de vinho e [...] tança que atirou para a morgue com dois, mais ou menos da sua igualha—o «Chico Padeirinho» e o «Artur Mulato»—e determinou a policia a deitar a mão aos assassinos e a metê-los na cadeia pela «decima milionesima» vez. Foi dificil a empreza. Fizeram-se batidas nas furnas de Monsanto; andaram os civicos numa dobadoura para descobrir o paradeiro dos foragidos, até que um dia, lá se conseguiu metê-los no Limoeiro, que é o campo de concentração de todos os indesejaveis a quem a justiça tem de pedir contas.

Decorreram meses; chegou a hora do julgamento; um oficial de diligencias foi buscar o «Assanhado» e o «Piadinhas» para responderem na Boa Hora; e, como quer que, por falta de testemunhas, a audiencia tivesse sido adiada, o mesmo oficial os acompanhou, numa deferencia que custa dez mil réis por cabeça, ao carcere em que deviam aguardar melhor oportunidade julgadora.

Pelo caminho... sumiram-se. Tinham fugido outra vez! Onde está o «Gato Bravo»? Onde está o «Piadinhas»?... E aqui anda a policia, de novo, numa canceira, á procura dos «herois»; só se sabendo a seu respeito, que apareciam, misteriosamente, pela calada da noite, aqui ou acolá, nas tabernas de frequencia perigosa, a garantir que não voltariam ao «hotel»—o hotel, para eles, é a cadeia—sem ter feito mais um trabalhinho»—o trabalhinho era o assassinio de mais uns tantos a quem tinham jurado vingança.

* * *

O chefe Alexandre Alves, que era um dos condenados á morte, encontrou-o ontem á noite, o jornalista, a passear na Rua do Ouro. Como quem não quer a coisa, fômos—pondo a pregunta—a palpitar o que haveria. E a resposta veiu assim, a certa altura da conversa:

—Estive hoje em Cascais; e não dou o tempo par mal empregado. O «Gato Bravo», hei de prendê-lo ámanhã.

* *

A batida começou, efectivamente, ás 4.30 de hoje.—O chefe Alexandre, o jornalista, e os guardas 1752 e 1993 na pista do criminoso. E a reportagem fez-se assim, em pleno campo e com a aragem frêsca da madrugada.

A Joaquina Mendes—é a amante do «Gato Bravo»—fôra presa ontem, pela noite. Levaram-na para a esquadra, e ela, que apesar de tudo é mulher, jurou com lagrimas que não sabía onde estava o «Gato». Tinha já invocado as cinzas da avó em justificação do depoimento, quando o investigador se saiu com esta:

— Que raio de scena foi essa que vocês tiveram ha dias em Pombal. Você esteve vae que não vae a ir parar ao fundo do pôço...

— Como soube o sr. isso?

—Eu sei isso e muito mais...

A Joaquina corou; estremeceu; desestiu das juras e da choradeira, e confessou:

—E' verdade! Ele deve esperar-me ás 6 horas na Quinta do Galinheiro, no Alto de S. João.

Faltava averiguar se a confissão de agora era tão verdadeira como os juramentos de pouco antes, E por isso se foi á prova.

* * *

Bateram-se, espiolharam-se todas as imediações do Alto de S. João. Três horas consecutivas de buscas; três horas de espera arrelienta; três horas de caminhada e de pesquisas nas tabernas, e... de «Gato Bravo», nem o cheiro se percebia. Veiu o desalento; os policias estavam já á beira do desespero.

— Quem nos diz a nós que ele já nos viu?

— Nada. A mulher não me mentiu — ia assegurando o chefe Alves.

N'isto, avistou-se um homem sentado numa pedra, lá ao longe, nuns terrenos que ficam no termo do Alto do Pina.

— Lá está ele!

— Cautela! Que está a olhar para todos os lados!

O vulto ergueu-se, circumvagou mais uma vez o olhar pelo terreno, num gesto de aborrecido, e poz-se a caminhar na direcção da Avenida Almirante Reis.

Era o «Gato Bravo»! Mãos nos bolsos, cigarro na boca a fumegar, foi seguindo, sem dar mostras de que se apercebera da batida que o espreitava de longe.

A certa altura, houve uma decisão, nos perseguidores. Os dois policias sairam á frente do caminheiro e bradaram:

— Levante as mãos!

— Os senhores estão enganados comigo...

— Você não é o «Gato Bravo»?

— Bem. Estou preso... Os senhores cumprem o seu dever. Não lhes quero mal por isso...

E deixou-se prender sem o mais leve esboço de resistencia.

* * *

Pelo caminho contou a historia da fuga.

—Eu não fugi ao oficial de diligencias. Deixaram-me fugir.

—Por quantos contos?

—Cá por mim, não paguei nada. O «Piadinhas» é que pagou tres contos. Eu só queria andar cá fóra tres meses. Depois entregava-me á prisão. Tenho vivido mal. Empenhei o casaco e as calças do fato novo por 70 mil réis. Na prisão não me dei mal; mas prefiro estar um mês sem comer, em liberdade, a estar um dia na cadeia.

— ... «Piadinhas»?

—Não sei dele. Aquela scena foi reinadia. O «Piadinhas», quando vinhamos da Boa Hora, convidou o oficial de diligencias para irmos todos comer alguma coisa. Iscas, cervejas e charutos... andou a coisa p'ra cima de 60 mil réis. Depois...

—Depois, foi a fuga.

—Já lhe disse que não fugí. O oficial, a certa altura, deu pela falta do «Piadinhas» e disse para mim: «Fica tu aí que eu já venho».

—Ficou?

—Estive á espera umas tres horas. Como o homem não aparecia, fui-me embora, naturalmente...

—A escolta?

—Não ia escolta. Não vê o senhor que os presos, quando pagam dez mil réis ao oficial, vão sem escolta nem carro celular. A gente pagou.

—Você com o que não contava era com esta surpresa de hoje.. hein?

—Contava sim senhor. Assim que li nos jornais que o chefe Alexandre estava encarregado da minha prisão, contei logo que seria apanhado mais dia menos dia. Agora... se fôsse a Policia de Investigação... isso, nem daqui a um ano... Esses, têm lá outros serviços...

* * *

E lá foi outra vez parar ao Limoeiro.

Até quando?

Ora—agora é o chefe Alexandre Alves a responder—dentro em breve estão outra vez cá fora...

O «Piadinhas», quando vem fazer companhia ao «Gato Bravo»?

—Isso é uma questão de dias... Ofereci-me para capturar os dois por me terem ameaçado de morte. Se não fôsse isso, não me importaria; tanto mais que tenho a certesa de tudo isto é trabalho perdido...

Pelos teatros

«A Ventoinha»

Definitivamente, é depois de ámanhã que sôbe á scena no Politeama, pela magnifica companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, a graciosissima peça «A Ventoinha», na qual têm os primeiros papeis aquela ilustre actriz e o distinto actor-comico Joaquim Prata, sendo a distribuição a seguinte:

«Filipe», Joaquim Prata; «Carlos», Carlos Abreu; «Roberto», Antonio Silva; «Doutor», Vitor Cruz; «Vitoria», Berta de Bivar; «Teresa», Maria Pinto; «Conceição», Maria Emilia; «Sebastiana», Bemvinda de Abreu; «Luisinha», Josefina Silva; «Joana», Maria Pratas.

Parceria de tradutores

Os actores Antonio Pinheiro e Erico Braga, respectivamente director artistico e empresario da companhia Lucilia Simões, resolveram formar uma parceria para a tradução de obras de teatro francê, inglês e espanhol. Antonio Pinheiro é o tradutor da «Casa em ordem», de Pinero, e Erico Braga traduziu já a «Casa de Boneca», de Ibsen, a «Tosca», de Sardou, e a «Zázá», de Berton.

Atrás do reposteiro

Os melhores numeros femininos da «Revista de Praxedes», em ensaios no Avenida, para se seguir á «Bichinha Gata», vão ser desempenhados por Raquel Barros, Maria Santos, Honorina Cruz, Angela Barros, etc.

— A Companhia Lucilia Simões-Erico Braga termina a sua temporada em S. Carlos com a «Casa em Ordem» iniciando depois uma «tournée» pela provincia, a começar no dia 26 em Setubal, onde representará a «Zázá», «Carta anonima» e «Rajada».

— A Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho conservar-se-ha no Apolo até fins de Setembro. A de Otelo de Carvalho inicia ali a sua epoca de inverno com a revista de Schwalbach, «Pé de Meia».

— Foram ontem retirados os pensos pelo dr. Ary dos Santos ao actor Alves da Cunha, cujas melhoras se acentuam, prevendo-se que já na proxima quarta-feira possa reaparecer no Politeama, na «Alma forte».

— A grande actriz Angela Pinto, infelizmente retirada de scena, assistiu ontem ao espectaculo do S. Luís, tendo sido alvo de uma imponente manifestação do publico, provocada pelo actor Teodoro Santos, que veiu ao proscenio dirigir-lhe algumas palavras de saudação.

— Em Tomar está a reconstruir-se o velho teatro da cidade, que ficará magnificamente disposto e com uma maior lotação.

— Partiram para o Porto os novos emprezarios do teatro Nacional daquela cidade, Oscar Ribeiro e Alberto Barbosa.

— A Companhia Adelina Abranches-Alexandre de Azevedo-Sacramento despede-se do publico das Caldas da Rainha, nos proximos sabado e domingo, representando no Teatro do Parque, da Empreza Levy, seguindo dali para o Luzo onde trabalhará nos dias 13 e 14 do corrente.

— Entrou em ensaios no Nacional a comedia «O peão das Nicas», adaptação de uma peça hespanhola.

— No proximo sabado estream-se no Eden os artistas Maruja del Oro, Maria Gayarre, Adria Rody, Helmita Marin e a parelha de baile Juli Fernan, vinda de Madrid.

—Amanhã publicaremos a nota-critica sobre a peça «Pupilas do sr. Reitor», em scena no teatro Apolo.

CARTAZ

S. Carlos—Ás 21,30—«A casa em ordem».
Nacional—A's 21—«Os 20.000 dollars».
S. Luis—A's 21,45—«Fado corrido».
Politeama—A's 21—«Aventuras de Rafael».
Avenida—A's 21-15—«Bichinha gata».
Apolo—A's 21,15—«As Pupilas do sr. Reitor».
Maria Vitoria—A's 20,45 e 22,45—«Fado corrido».
Eden—A's 21 e 22,45—Variedades.
Eldorado—A's 21—Variedades.
Circo da Feira—A's 21—Variedades.
Coliseu dos Recreios—Não ha espectaculo.
Gil Vicente—A's 21—«D. Cesar de Bazan».

Animatografos e variedades

Salão Foz (Calçada da Gloria).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Chiado Terrasse (Rua Antonio Maria Cardoso).
Olimpia (Fechado para obras).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Teatro dos Anjos—Companhia de variedades.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

POLITEAMA
HOJE
AVENTURAS DE RAFAEL

SORO ANTIMENINGOCOCCICO
Do Instituto BEHRING, de Marburg. Prevenimos os ex.mos clinicos que já recebemos este sôro.
Depositarios: **Raul Vieira, Ltd.ª**
Rua da Prata, 51—Tel. 5386 e 2184 C.

GAZOLINA "Shell" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis
Oleos de lubrificação

PEDIDOS A'

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.° L.TD

LISBOA — Rua de Crucifixo, 49
PORTO — 246, Rua Mousinho da Silveira, 258

AUTOMOVEIS
DERBY 6 H. P.

Representantes em Portugal

J. Bazilio d'Oliveira, L.da

Rua dos Douradores, 32, 2.°
Telefone C- 2897
LISBOA

CONFORTAVEIS
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE
CARPETES
A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLAIO & C.A (FILHO)
RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio tode)
TEL. C. 3082

NÃO HA MAIS PANNES!!!
OS PNEUS "WIG"

Ocos sem camaras d'ar, completamente de borracha. Nenhuma interrupção nas corridas por pannes. Nenhuns concertos nos pneus. Dispensam levar pneus de reserva. A mais perfeita solução do problema de reunir a mais absoluta segurança com a maxima elasticidade, solidez e duração. São os pneus indispensaveis para automoveis, motos e bicicletas em que a segurança de marcha é uma questão fundamental.

Representantes exclusivos para Portugal, Ilhas e Co:onias

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO
Artigos de escritorio — Material para desenhadores
PREÇOS MODICOS

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38
— LISBOA —

ANIBAL NEVES, L.DA

Rua da Prata, 242|48
LISBOA
Telefone N. 3040 — Teleg. VAPOR-LISBOA

Maquinas
Ferramentas
Materias primas
para todas as industrias

PERFUMARIA
ROSA D'OURO

GRANDE E COMPLETA VARIEDADE EM TODOS OS ARTIGOS DE PERFUMARIA

MANICURE PARA SENHORAS
279 — RUA AUREA — 281

SOUZA, MOURA & C.A, L.DA

CASA BANCARIA
103, RUA AUREA, 105—LISBOA

Compra e venda de moedas, notas estrangeiras, papeis de credito, ordens de Bolsa, cheques sobre as principais praças do Pais e estrangeiro, depositos á ordem e a praso. Todas as transacções bancarias.

Telefone C. 3033 — End. Tel. SOURA

AZEITES

REFINADOS PARA
CONSERVAS
DA ACREDITADA CASA
CARBONELL & C.A (S. em C.)
CORDOBA

Pedidos e amostras aos agentes exclusivos para Portugal

J. NARCISO, L.DA
Rua dos Alamos, 7—LISBOA
Telef. 3121 — N.

Vinho Colares
V.S.

Visconde de Salreu

Todos o devem preferir, e o unico que se bebe em Lisboa engarrafado na origem
Premiado com medalha de ouro e diploma de honra na Exposição do Rio Janeiro
Pedidos a D. J. Silva L.tda
Rua Rodrigues Sampaio, 15
Telefone n.° 1711

CAMPO, TERMAS E PRAIAS

«ELITE»
O MAIS RESISTENTE

COLOSSAL SORTIMENTO DE CALÇADO branco para senhoras, homens e creanças por preços sem competencia
Sapataria Universo, L.da
50, R. Santa Justa, 52

OURO Prata e Joias

com safiras, diamantes e brilhantes
Só vende mais **BARATO**
o Correia & Moura, Limitada
Rua de S. Paulo, 186
Proximo á Casa da Moeda

AO COMERCIO

A Leitaria Mondego, Rua dos Cavaleiros, 12, convida todos os seus credores a virem reclamar até ao dia 16 do corrente, na Rua Eugenio dos Santos, n.° 2, os seus creditos, findo este praso, considerará liquidadas as suas contas.

Lisboa, 8 de Agosto de 1923.

Manuel Migueis Gonçalves

A venda de bilhetes na Estação do Rocio

No intuito de facilitar a aquisição de bilhetes para os comboios de longo curso e acabar com a costumada «bicha» nas bilheteiras do Rocio, a C. P. resolveu que a venda de bilhetes para os comboios rapidos seja feita em bilheteiras especialisadas para esse efeito, realisando-se noutras bilheteiras a venda para os comboios omnibus, isto é, para os restantes comboios da grande linha.

Nos respectivos «guichets» estão indicados os comboios para os quais as bilheteiras são especialisadas.

DAS 5 PARTES DO MUNDO ESTRANGEIRO DAS 5 PARTES DO MUNDO

DE NEW-YORK

A NAÇÃO

Norte-Americana

e o funeral

do presidente Harding

As ultimas homenagens

NEW-YORK, 9.

Ontem a nação americana prestou a sua ultima homenagem ao ex presidente Harding. O funeral foi uma longa procissão desde a Casa Branca até ao Capitolio, Acompanharam o cadaver, soldados e marinheiros, o novo presidente, os juizes do Supremo Tribunal, os embaixadores estrangeiros e o sr. Woodrow Wilson que embora enfermo se arrastou no longo percurso para prestar a sua homenagem ao seu seu sucessor na presidencia da Republica.

O cadaver de Harding tinha chegado a Washington na terça-feira ás 21 horas sendo a urna colocada na Casa Branca entre montões de flôres, entre os quais se destacava um enorme ramo de lirios oferecido pelo rei Jorge de Inglaterra. Passaram perante a urna do presidente dezenas de milhares de pessoas.

Os restos mortais do presidente Harding como já foi dito ficarão sepultados em Marion no Ohio.

Todos os navios americanos que se encontram no mar largo suspenderão todas as manobras e as tripulações guardarão cinco minutos de silencio, na ocasião do funeral do ex-presidente. (R).

Uma corôa
oferecida pelo rei de Inglaterra

WASHINGTON, 9

As manifestações funebres junto da urna que contem os restos mortais do presidente Harding têm ultrapassado todas as previsões.

O dia de ontem foi consagrado ás ultimas manifestações oficiais prestadas pela Nação Americana ao presidente Harding. No longo cortejo funebre, incorporou-se o ex-presidente Wilson. Milhares de pessoas desfilaram perante o cadaver no Capitolio, e um combatente desconhecido toda a noite passou perfilado junto da eça, que nunca foi abandonada pela senhora Harding, e que se encontra rodeada de corôas oferecidas pelos monarcas e governos estrangeiros, entre as quais uma do Rei de Inglaterra, com a simples inscrição: «Com profunda simpatia. Jorge V».

CINEMA CONDES

A estreia de ontem e a estreia de amanhã

Ontem estreou-se no Condes um «film» interessantissimo, e que hoje se repete. «Piloto negociante» tem por protagonista o famoso cão Piloto, animal de rara inteligencia, cujas proezas são o encanto e a delicia da petizada. Em pleno exito continua o celebre romance de aventuras «Mãos de Arminho» e o final do grandioso «film» de arte «O diamante negro», estreando-se amanhã o «Crime do Chumeco», que deve causar sensação.

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.° — RUA AUGUSTA — 70, 2.°
TELEF. C 1196

AVENIDA PARQUE
Antigo Parque Mayer (á rua do Salitre)
DAS 6 DA TARDE Á 1 DA MADRUGADA
VARIEDADES
Concertos de *Jazz-Band* — Serviço de refrescos na explanada — Teatros — Glissagem — Tombola de animais
O recinto mais animado e agradavel de Lisboa
As senhoras e crianças acompanhadas de cavalheiro e familias têm ENTRADA GRATUITA

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

OS HEROES

da grande guerra

onde se encontram?

UM ANIVERSARIO QUE PASSOU DESPERCEBIDO

No dia 4 do corrente — quem se lembra já agora disto — passou o 9.° aniversario da entrada da Gran Bretanha na grande guerra europeia. O tempo enfraquece tanto a memoria dos homens e das coisas, que o dia 4 de Agosto, porventura o que demarca a fase salvadora da causa aliada nas contingencias do formidavel prelio, só a recordaram capazmente os ingleses, evocando-a com celebrações condignas. Toda a imprensa britanica publicou nesse dia artigos comemorativos de bem merecida homenagem aos bravos combatentes que tombaram no campo da honra, e dos quais, só as familias se lembram, já agora, porque só essas teem gravada imperecivelmente, no seu luto, a memoria do estupendo sacrificio.

O *Sunday Express*, de Londres, aproveitou o ensejo para fazer uma pregunta que está, realmente, no animo de toda a gente:

— Onde estão os heroes de ontem? — interrogou o referido jornal. — Onde estão os grandes homens cujos nomes todos os labios proferiam há alguns anos ainda?

E prosseguiu, explicando a razão da estranhesa que tal silencio causa:

— Durante os cinco anos que durou o cataclismo europeu, algumas personalidades novas sulcaram como se fossem cometas o firmamento politico e militar. Onde se encontram hoje os senhores e os chefes a quem estava confiada, ainda ontem, a missão de conduzir ao triunfo ou de arrastar á ruina as nações mais antigas do velho mundo?

«Lloyd George, apoz uma sessão parlamentar, no decurso da qual brilhou, principalmente, pelo silencio, deu em preparar-se para ir fazer conferencias nos Estados Unidos; o ex-presidente Wilson foi victima da doença que poz termo á sua carreira politica; o kaizer e o kronprinz estão no exilio, um em Doorn, o outro na ilha de Wieringen.

Alexandre Kerensky, dictador efemero da Russia, é agora redactor em chefe de um jornal de fraca tiragem; o gran-duque Alexandre, irmão do tzar assassinado, tirou de sobre si todas as medalhas e condecorações que lhe constelavam o peito, e passa o tempo a escrever artigos para os «magazines».

O marechal lord Haig anda preocupadissimo, no dizer de Lloyd George, com a ideia de transformar o mundo «num planeta digno de herois...»

Por ultimo, o general Wrangel, o cabo de guerra que tentou derrubar o regime sovietista e se ofereceu depois á Espanha, com os seus soldados, para ir combater os mouros rebeldes a Marrocos, esse... depois de sua mulher ter vendido quantas joias possuia, trabalha nos misteres mais humildes, para... não morrer de fome!

Valerá a pena ser heroe num tempo destes?

S. CARLOS Telef. C. 5083
HOJE
Recitas de despedida — A notavel peça inglesa
Casa em ordem
Magistral creação de LUCILIA SIMOES
AGRADO UNANIME Soberbo conjuncto
Explendida enscenação do prof. Ant. Pinheiro
O TEATRO MAIS BARATO, AREJADO E CONFORTAVEL DE LISBOA
«Fauteuils» 6$00. Frisas e camarotes 25$00 e 15$00
A temporada finda na proxima segunda-feira

EDEN TEATRO
= Empresa Teatral Campos & Correia, Limitada =
HOJE — A's 20,45 e 22,45 — 2 sessões, 2
Espectaculo permanente de
VARIEDADES
Preços populares com direito ás 2 sessões:
Geral, galeria e «promenoir», 1$00; geral numerada, 1$50; cadeiras, 3$00; «fauteuils», 5$00; «fauteuils» de orquestra, 7$00.
Todos os impostos a cargo do publico
Sexteto dirigido pelo maestro JOSÉ BONET

TEATRO SÃO LUIZ
HOJE — ás 21,45 — HOJE
O grande acontecimento do dia
FADO CORRIDO
CELEBRE REVISTA
em scena ao mesmo tempo no Teatro Maria Vitoria
O maior sucesso da actualidade
O mais deslumbrante espectaculo — Uma noite de alegria e de gargalhada

POLITEAMA
Emp. Luiz Pereira Telefone 3:028-N.
Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha
Direcção artistica de Araujo Pereira
ULTIMAS representações
da engraçadissima comedia
AVENTURAS DE RAFAEL
Grande exito da temporada anterior
Depois de ámanhã: A VENTOINHA

APOLO Telefone n.° 4120
HOJE — A's 21,15 em ponto
GRANDE SUCESSO
da
Companhia Maria Matos-Mendonça Carvalho
AS
Pupilas do sr. Reitor

TEATRO MARIA VITORIA
(Avenida Parque Mayer)
HOJE Ás 20 3/4 e 22 3/4 HOJE
FADO CORRIDO
A revista consagrada pelo publico!
Duas horas de gargalhada!

Telefones do "Diario de Lisboa" { Redacção — C. 3194 / Administração — C. 3195

AS REPARAÇÕES

O RUHR

e o chanceler Cuno

A Alemanha

consentiu em humilhar-se

devido á atitude francesa?

BERLIM, 9

O chanceler Cuno, discursando no Reichstag, afirmou que, depois da invasão do Ruhr, a Alemanha tinha procurado muitas vezes entender-se com a França e que tinha consentido em humilhar-se para que essa nação nada perdesse do seu prestigio, mas não podia sacrificar parte do seu territorio nem atraiçoar os seus compatriotas.

A principal reclamação actual dos franceses consistia em exigir a terminação da resistencia passiva.

A França deseja que o governo alemão consiga dos habitantes do Ruhr que eles terminem absolutamente a resistencia passiva, entregando assim as suas ultimas armas antes de se entrar em quaesquer negociações. E' absolutamente impossivel satisfazer este desejo.

A rendição completa e incondicional ás exigencias da França daria como resultado apenas a apresentação de novas notas exigindo da nação alemã encargos que esta não podia satisfazer e que todo o mundo é de opinião que não obedecem a ditames de justiça, nem de senso comum. Os franceses desejariam exigir da Alemanha que ela satisfizesse os seus compromissos privando-a da posse da região do Ruhr, o seu mais poderoso instrumento economico.

No começo da sessão, o presidente do Reichstag, sr. Loebe, prestou homenagem ao falecido presidente dos Estados Unidos.

A Alemanha
crê ainda no senso comum...

O chanceler Cuno disse ainda que resumiu os esforços feitos em Londres e em Roma para achar uma solução é crise actual, dizendo, comtudo, que as bases em que a Inglaterra procura encontrar uma solução estão longe de serem satisfatorias, porque conteem exigencias que a Alemanha não pode cumprir. Acrescentou que no momento presente, em que a Inglaterra está disposta a apresentar novas declarações e novos planos, seria ocioso e perigoso mesmo criticar detalhadamente as ideias inglesas ou estabelecer quaisquer prognosticos. A Alemanhã crê, comtudo, firmemente que o senso comum e o sentimento da justiça hão-de prevalecer. Referindo-se ás acusações feitas á Alemanha, de que esta não se tinha esforçado por cumprir os seus compromissos, o chanceler disse que ninguem podia ter duvidas ácerca do desejo da Alemanha de chegar a um entendimento. Antes da invasão do Ruhr, o governo pretendeu entrar por quatro vezes em entendimentos com a França. Depois da invasão, tem procedido do mesmo modo.—(R.)

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

TEATRO AVENIDA
HOJE HOJE
A mais linda revista
em scena actualmente
BICHINHA GATA
O «compère» pelo actor Gomes
Bailados por Nieves Mimosa

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

A COMPANHIA PORTUGUESA

A estação

do Rocio

vai brevemente

sofrer melhoramentos de importancia

O jornalista trocou algumas palavras com o engenheiro chefe da via e obras da C. P., sr. Jaime Galo. Falou-se primeiro do tunel do Rossio de que os jornais tanto se teem ocupado, inventando, de vez em quando, estragos que só existem na cabeça de quem os noticia:

— Não ha nada a reparar. O tunel do Rossio apenas necessita de limpeza constante.

— E essa limpeza...

Teem a. Sou eu até que dirijo a brigada que anda nesses trabalhos. Não vejo, pois, a razão do que por vezes se diz...

Explicamos lhe como, por vezes, se forjam, sem que ninguem veja a origem, boatos muito mais graves.

—Vai ver como daqui a alguns dias o boato se intensifica. Mandámos vir grande porção de brita, para substituir a terra em certos pontos do tunel, onde é necessario escoar a agua que cai. Quando alguns virem passar a brita, começam logo a imaginar que o tunel está a desabar. Vai ver...

Outro assunto:—os melhoramentos nas estações do Rocio e de Santa Apolonia:

—A C. P. quere tornar as duas gares verdadeiros modelos de limpeza e de aspecto. Já se impermeabilizou o solo onde assentam algumas linhas. O beton substituiu as traves de madeira. Logo que se possa, far-se-ha o mesmo ás outras. Isto no Rocio.

—E em Santa Apolonia?

—Vai-se fazer o mesmo.

—Alem desses, ha outros melhoramentos?

—Estamos limpando e modernisando toda a gare. Só consentiremos daqui em diante a afixação de cartazes artisticos.

—De modo que...

—Dentro de pouco tempo, a estação do Rocio ficará «um brinquinho». E à de Santa Apolonia ha-de suceder o mesmo...

O boletim de sanidade

Segundo o Boletim de Sanidade Interna, apresentado na ultima sessão do Conselho Superior de Higiene, na semana finda em 28 de Julho manifestaram-se em Lisboa 12 casos de difteria, 5 de febre tifoide, 2 de meningite, 1 de sarampo e o de variola, e no Porto, 5 de difteria, 1 de febre tifoide, 1 de tosse convulsa e 5 de variola.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
Encarrega-se de qualquer assunto e dispõe de agentes no Brasil
Consultas das 10 ás 12 e das 15 ás 17.
Telef. 5432 — Norte
R. Gremio Lusitano, 40, 1.º—(«Jornal da Europa»)

MIGUEL CRESPO e FREIRE FALCÃO
ADVOGADOS
Telefone 4335 C — R. Arco Bandeira, 139, 2.º, D.

PROVEM TODOS OS NOVOS
REBUÇADOS DE FRUCTA
ALIANÇA
FABRICADOS NAS SUAS NOVAS INSTALAÇÕES POR PESSOAL SUISSO, SÃO
SUPERIORES AOS EXTRANGEIROS

A TARDE POLITICA

O GOVERNO

ficará recomposto

DEPOIS DE AMANHÃ

O maquinismo governamental, a todo o momento lubrificado pelo sr. Antonio Maria da Silva, lá se vai arrastando conforme pode emquanto espera que lhe coloquem as peças novas que lhe faltam.

Já o leitor sabe, porque nós lh'o dissemos, que a crise ministerial está aberta nas pastas das Finanças, Guerra, Marinha e Agricultura.

O conselho de ministros reuniu hoje para abordar em detalhe o assunto. Claro que a imprensa em geral foi distribuida a costumada nota oficiosa, que os «reporters» em serviço no Interior já redigem antecipadamente...

Mas como o leitor do *Diario de Lisboa* — honra lhe seja! — é dificil de contentar, o jornalista vai dizer-lhe — mais virgula menos virgula, o que foi resolvido em conselho.

O chefe do governo, a quem um repouso de vinte e quatro horas em Cascais reanimou dos embates sofridos nas ultimas sessões do Parlamento, apresentou-se bem disposto e jovialissimo.

Descreveu «pão, pão, queijo, queijo...» aos seus colegas de gabinete a situação politica. E declarou que o preenchimento das pastas sem dono não é obra para atemorisar ninguem.

* *

Como será resolvida a crise?

Não é possivel ainda afirmar com segurança quem são os sucessores dos ex-ministros.

O que pode afirmar-se, sem temor de arrostar com desmentidos, é que no proximo sabado o sr. Antonio Maria da Silva terá o seu ministerio recomposto com a sanção do Chefe do Estado que ámanhã chega a Lisboa.

Hoje mesmo o chefe do Governo deve ter uma entrevista com o Directorio do Partido Republicano Português. Dessa entrevista sairão prontos a trabalhar os futuros ministros.

A acreditar em informações muito honestas e bastante firmes, a pasta da guerra será ocupada pelo sr. tenente-coronel Maia Magalhães. Para a agricultura, se o governo não conseguir vencer a resistencia quasi feroz do senador Nicolau Mesquita, será nomeado o sr. Santos Garcia.

E a pasta das finanças? Parece estar posta de parte a ideia dela ser sobraçada pelo sr. Antonio Maria da Silva. O nome do sr. Velhinho Correia perdeu terreno. Fala-se mais agora no sr. Rego Chaves e ha quem aponte como muito ministeriavel o sr. Mariano Martins.

Para a Marinha transita o sr. Fontoura da Costa.

E é tudo quanto nos é possivel dizer ao leitor — e já não é pouco...

* * *

A Junta Geral do Districto enviou ao Presidente eleito o telegrama que a seguir publicamos:

«A Sua Ex.ª o sr. Manuel Teixeira Gomes, Presidente Eleito da Republica Portuguesa: Comissão Executiva da Junta Geral do Districto de Lisboa, sauda respeitosamente V. Ex.ª e apresenta seus cumprimentos e felicitações, que torna extensivas á nação. — *Joaquim Domingues*, Vice-Presidente.»

DE LUTO

SANTOS FARINHA

faleceu esta tarde

O funeral do antigo prior de Santa Izabel e brilhante orador sagrado realisa-se ámanhã

Faleceu hoje, pelas 4 horas da tarde, o antigo prior de Santa Isabel e notavel orador sagrado sr. dr. Santos Farinha, cujo estado de saude já se considerava desesperado, esperando se a todos os momentos um desenlace fatal.

O sr. Cardeal Patriarca que, acompanhado dos rev. Domingos Nogueira, Damasceno Fiadeiro e conego Anaquim, fôra visitar o ilustre enfermo, rezou o oficio dos moribundos.

O corpo será transportado hoje, ás 9 horas da noite, para a igreja de Santa Isabel, onde amanhã, ás 11 horas, serão celebradas solenes exequias, realizando se o funeral ás 4 horas da tarde, para o Alto de S. João, em obediencia ao seu desejo de ficar enterrado num simples coval, pois nos Prazeres já não ha nenhum.

O sr. dr. Santos Farinha foi sacramentado pelo coadjutor da freguesia, rev. Filipe Cardoso, tendo sido, em seguida, vestido com o habito do Carmo e paramentado.

* * *

Algumas leves notas biograficas, traçadas á pressa:

O dr. Santos Farinha que fizera os preparatorios no Seminario de Santarem, formou se em teologia, com distinção. Antes mesmo de ser presbitero, tendo já ordens menores, prégou varios sermões, sendo o mais notavel na Sé de Lisboa, no 1.º de Dezembro. Quizeram dar-lhe uma comenda, em paga desse sermão. Como era um legitimista, não a aceitou.

Entre os outros sermões importantes, devemos lembrar os elogios funebres da duquesa de Palmela e da Rainha D. Maria Pia, e modernamente o elogio historico do Papa Bento XV que corre impresso.

Era prior de Santa Izabel desde 1903, tendo sido antes prior da Madalena e da Sé.

Era, alem de bacharel em teologia, desembargador da Curia Patriarcal, capelão cavaleiro da Ordem Constantiniana de S. Jorge e capelão rial. Exerceu gratuitamente o cargo de professor do seminario de S. Vicente, fundado pelo patriarca D. José Neto, de quem era intimo amigo.

Sobre a sua vida sacerdotal, muito havia a dizer sobre a sua acção social, aí estão os seus sermões cheios de ensinamentos morais e patrioticos e a fundação, na freguezia, na vigencia do antigo regime, duma assistencia a crianças que ainda hoje mantinha em sua casa, com o auxilio de alguns amigos.

Da sua obra literaria, historica e filosofica, esparsa principalmente em jornais e revistas, não podemos ocupar-nos em meia duzia de linhas. Destacam-se entre os seus livros *A origem da vida*, resposta a uma obra de Tomás da Fonseca, onde combateu as teorias de Haeckel e o materialismo e *O Palacio de Palhavan* publicado recentemente.

Ainda no sabado, não podendo já escrever, ditou um curioso artigo para o *In Memoriam* do Conde de Sabugosa.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

A PRESIDENCIA DA REPUBLICA

A eleição

do novo

chefe do Estado

e o que não nos diz Magalhães Lima

O sr. dr. Magalhães Lima, que recebe sempre os jornalistas o mais democratamente possivel, fazendo da sua vida o mais claro espelho das suas ideias, disse-nos hoje, quando o procurámos para a *entrevista do dia*, que havia tomado para comsigo mesmo o compromisso moral de não revelar absolutamente nada, quanto á eleição presidencial.

Todavia deu-nos entrada livre e franca para a sua salêta *babelica*, já por mais duma vez descripta aos leitores.

O sr. dr. Magalhães Lima que parecia acabrunhado antes da eleição — tinha hoje um ar fresco de mocidade, deveras consolador.

— Mais tarde, mais tarde, meu amigo, quando eu voltar do estrangeiro...

— O sr. dr. está de partida?

—Sim—para a Suissa. Como é bom viajar, aprender novas coisas, comunicar directamente com a vida! Como é bom viajar!

E animadamente, como se tivesse trinta anos, o velho democrata aconselha-nos a sair de Portugal—salientando o que de proveitoso para o espirito pode resultar duma temporada lá fora.

— E o cambio, sr. doutor?

— Ah! sim, o cambio! E' na verdade um problema dificil!

Ha uma infinita quantidade de retratos a assistir ao dialogo. Entre eles a duma formosissima rapariga, ao fundo.. Misterio!

— O sr. dr. parece que remoçou!

Magalhães Lima passa a mão sobre a seda dos seus raros cabelos brancos e confessa:

— Tenho a mocidade suficiente para poder escrever as minhas memorias! O que eu tenho que escrever! Davam-lhe assunto as minhas memorias para mais de vinte volumes de cronicas! Os homens que eu conheci. Os factos que presenciei! Eu sei lá!...

Magalhães Lima fala das suas memorias, das viagens, dos seus amigos — mas não fala do resto, do que nos interessaria, do que interessaria aos nossos leitores.

— O dr. Bernardino Machado falou...

— Modos de vêr — responde Magalhães Lima. Eu sinto que não devo dizer nada, por emquanto. Esperemos melhor oportunidade...

Levantámo-nos. E á porta ainda voltámos a insistir:

— Então, a eleição presidencial?

E o velho democrata logo:

— Quando eu voltar do estrangeiro, sim?

Quem achou?

Uma senhora de familia de um colega nosso, perdeu na Baixa uma «escrava» de ouro, com o nome Aurora. Agradecemos a sua entrega nesta redacção.

O Algarve

e o serviço de combolos

A Associação Comercial de Faro enviou ao chefe do governo o seguinte telegrama:

«A Associação Comercial de Faro, protesta V. Ex.ª possuida da mais viva indignação, contra infamissimo serviço ferro-viario desta provincia, e entre Lisboa e Algarve, obrigando passageiros a viajar encaixotados como gado, em carruagens ignobeis, sempre com o dobro da lotação e em comboios sem horarios.

Material pequena velocidade vai desaparecendo por completo, e armazem estação Faro, não comportando mercadorias a despacho, obrigam estas a retroceder sistematicamente á procedencia.

Entretanto como resposta unica ás variadissimas reclamações que ha tempos vimos formulando junto V. Ex.ª e seu governo, acabam chegar cinco fiscais tesouro, a fim assegurarem fiel cumprimento novas leis tributarias, cuja recepção acusamos a V. Ex.ª — O presidente, *Silvestre Ortigão*.